

Derrocada da Venezuela arrasta Cuba a um novo período de crise econômica

Escrito por Indicado en la materia

Martes, 12 de Julio de 2016 10:41 - Actualizado Viernes, 15 de Julio de 2016 16:13

No momento em que [Cuba](#) possuía mais expectativas econômicas, a derrocada da [Venezuela](#), seu pulmão energético, marcou a entrada da ilha em uma nova fase de anemia. O presidente [Raúl Castro](#) reconheceu a situação na sexta-feira na Assembleia do Poder Popular, o Parlamento. O dirigente mencionou a “diminuição do fornecimento de combustíveis acertado com a Venezuela, apesar da firme vontade de [Nicolás Maduro](#) e seu governo de cumpri-lo”.



Os acordos de Cuba com a Venezuela para a importação de petróleo a preços preferenciais são do começo dos anos 2000, quando [Hugo Chávez](#) e [Fidel Castro](#) acertaram uma aliança na qual Havana ganhava um mecenas energético e Caracas, fundamentalmente, médicos e inteligência para a máquina de segurança do Estado. A ilha recebeu durante anos mais de 100.000 barris de petróleo diários. Hoje, com seu parceiro em uma profunda crise pela queda global dos preços do petróleo e sua deterioração político-institucional, a entrega caiu significativamente. De acordo com os dados da agência Reuters, no primeiro semestre de 2016 a queda foi de pelo menos 20%.

MAIS INFORMAÇÕES

-



[Alucinação em Havana](#)

- [Como Cuba conquistou a Venezuela?](#)
- [As prioridades de 11 cubanos em relação ao congresso do Partido Comunista](#)
- [Mick Jagger, aos cubanos: "As coisas estão mudando, não?"](#)

O Produto Interno Bruto cresceu 4,7% no primeiro semestre de 2015, um número relevante, mas insuficiente para as necessidades de aceleração da deteriorada economia da ilha. Um ano mais tarde, durante o mesmo período de 2016, os resultados não só não melhoraram como pioraram com um crescimento de somente 1%, metade do previsto, colocando em alerta o Governo de Castro. Contudo, o mandatário se manteve firme, frente aos rumores da iminência de um novo Período Especial (a demolidora crise do começo dos anos noventa após a queda da [União Soviética](#)), ao dizer que Cuba não está se aproximando de um buraco dessa profundidade: "Não negamos que podem ocorrer problemas, até mesmo maiores do que os atuais, mas estamos preparados e em melhores condições do que naquela época para revertê-los", afirmou na Assembleia.

Raúl Castro reconheceu a crise, mas descartou os rumores de um novo Período Especial

As primeiras medidas já se notam no inchado setor público, com cortes na gasolina, menos uso de ar condicionado e jornadas de trabalho mais curtas.

Durante as sessões parlamentares, o ministro da Economia Marino Murillo informou que para o segundo semestre do ano foi decidida uma redução geral de gasto de combustível de 28%, tentando deixar intacto o gasto residencial, ou seja, o consumo nas casas, e garantindo as necessidades de indústrias vitais como o turismo, o níquel e o açúcar. A exportação desses dois últimos bens, assim como a de petróleo venezuelano refinado na própria ilha, também caiu, em linha com a crise dos preços das matérias-primas na América Latina. Esses problemas vêm junto com a diminuição de rendimentos por serviços profissionais a parceiros sem dinheiro como a Venezuela, Brasil e Angola.

Derrocada da Venezuela arrasta Cuba a um novo período de crise econômica

Escrito por Indicado en la materia

Martes, 12 de Julio de 2016 10:41 - Actualizado Viernes, 15 de Julio de 2016 16:13

A falta de divisas, ponto fraco da economia socialista cubana, recrudesceu e a previsão de importações foi corrigida de acordo com a queda, dos 14,42 bilhões de dólares (48 bilhões de reais) calculados pelo Ministério da Economia para 2016 a 11,98 bilhões (40 bilhões de reais), 15% a menos, de acordo com os dados de Murillo. 17% de investimento público será congelado. Para a iluminação das ruas é previsto 50% a menos.

Cuba olha preocupada na direção de Caracas, onde o horizonte é sombrio, e de Washington, onde não para de abrir

Com a Venezuela despencando e uma nova onda de imigração de trabalhadores cubanos aos Estados Unidos, é cada vez mais urgente para Cuba que o degelo diplomático do último ano e meio com seu vizinho e antigo archi-inimigo do Norte se concretize o quanto antes em movimento econômico. A chegada de turistas norte-americanos avança e no segundo semestre serão retomados os voos comerciais, o que seguramente fará disparar esses números, e o valor das remessas aumentou, com um recorde de 3,35 bilhões de dólares (11 bilhões de reais) em 2015, segundo o *The Havana Consulting Group*. Mas o embargo continua, impedindo os negócios entre empresas dos Estados Unidos e Cuba.

A revogação do embargo depende do Congresso. O presidente Barack Obama pediu aos representantes legislativos que acabem com ele, mas prevalecem as resistências do majoritário setor republicano. Uma vitória da democrata [Hillary Clinton](#) nas eleições presidenciais de novembro daria continuidade à vontade de Obama da Casa Branca. Não é certo o que aconteceria se o republicano

[Donald Trump](#)

ganhasse: se sua natureza de homem de negócios o levaria a apoiar a eliminação do embargo pelo Congresso ou se, pelo menos no começo, tiraria o corpo fora para não enervar o núcleo duro cubano-americano de seu partido.

Hoje Havana olha preocupada na direção de duas capitais. Na de Caracas, onde o horizonte é sombrio, e de Washington, onde não para de abrir.

EL PAIS; ESPANHA

Derrocada da Venezuela arrasta Cuba a um novo período de crise econômica

Escrito por Indicado en la materia

Martes, 12 de Julio de 2016 10:41 - Actualizado Viernes, 15 de Julio de 2016 16:13
